

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO



ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros 650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega 5120

ESTRANGEIRO

Anno ou 24 numeros	3\$900	Semestre ou 12 numeros 1\$500
--------------------------	--------	------------------------------------

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 16

15 DE AGOSTO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



ANTONIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS — VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA
Fallecido em Paris no dia 29 de Julho de 1878. — (Segundo uma photographia de M. Touranchet)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, por VICENTE PINGELLA — Dr. Antonio Candido Zeferino, por CORREIA BARATA — Exposição pecuaria de Penafiel, por SILVESTER BERNARDO LIMA — As nossas gravuras — A perdiz de cartão, por GERVASIO LOBATO.

GRAVURAS. — Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, vice-presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa — Dr. Antonio Candido Zeferino — Exposição universal de Paris em 1878 — Palacio do Trocadero, visto do parque do campo de Marie. — Exposição pecuaria de Penafiel — Vacca Barrozã e cria, tybo Lira, Montalegre, touro Barrozã, Vacca Barrozã, tybo Cabana, Dandy, touro da raça Alderney — Tumulo dos Martyres da Liberdade no cemiterio do Repouso no Porto — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Nos ultimos dias a sociedade portugueza que de ordinario se occupa com raras cousas, preoccupou-se um pouco com a politica; já se vê, exceptuandô Lisboa, que, justiça lhe seja, não costuma acompanhar o resto do paiz nos desvarios partidarios que, de quando em quando, o acommettem.

Não é porque Lisboa não confie no futuro: ao contrario, é por confiar n'elle demasiadamente que não se encommoda em ir dar o preito que todo o bom cidadão deve de tres em tres annos á urna da sua freguezia. Devemos entretanto notar que o futuro, segundo a noção que Lisboa tem d'elle, não possui a significação latitudinaria que ordinariamente lhe dão os que escrevem este vocabulo com letra grande. Para Lisboa o futuro é o Martinho continuar á noite a vender sorvetes, é o Chiado ser regado uma vez depois do meio dia, é as patrulhas da municipal continuarem no giro de amanhã, é a praça da Figueira abrir as suas portas ás alcofas do dia seguinte; de maneira que basta Lisboa suppor n'um candidato a aptidão sufficiente para entreter aquelle fogo sagrado a que de ordinario se faz o *roosbeef*, para immediatamente lhe conferir plenos poderes de manipular á vontade os destinos da capital. De resto tanto se lhe dá que os seus representantes façam epopéas como façam empadas. Prefere mesmo as empadas como forma pratica de aproveitar os *lusiadas* em beneficio do estomago.

O credo de Lisboa tem unicamente tres palavras: *sopa, vacca, arroz*, e só mais uma unica para alguns espiritos ambiciosos — *e um prato de meio*. Apenas no dia em que lhe pretenderem violar o cosido será capaz de fazer uma revolução.

É á sombra de tão illimitada confiança que as vereações da capital tem conseguido crear essas barrigas innabalaveis que, pelo tamanho, parecem reunir em si todos os suffragios da população.

— Lisboa: devemos registrar este facto mais uma vez: continua sempre, n'esta quadra de calma e de modorra que atravessamos, a ser uma cidade de mortos: uma necropole aonde apodrece o cadaver da carta segundo as queixas das folhas opposicionistas.

Chega a gente a perguntar a si proprio aonde estão mettidos os duzentos mil seres vivos da nossa especie que algumas estatisticas auctorizadas teem a benevolencia de conferir á capital d'estes reinos. É certo que a vigessima parte da população saiu a ares, mas o resto; os cento e noventa mil aonde param?

Ha quem dê esta explicação em parte satisfatoria: os que n'este periodo que atravessamos, a suar, não saem da cidade por não poderem ou por não quererem, fingem que o fazem e mettem-se em casa com as portas e as janellas calafetadas, depois de fazerem provisões de mantimentos para o verão como os habitantes das regiões polares costumam fazer para o inverno, estranhos a todos os ruidos do mundo exterior, inclusivê ao hymno victorioso do bando dos touros que aos sabbados percorre as ruas da cidade no meio de um silencio tumular, como a cavalgada phantastica da bambocha distribuindo prospectos á sombra de si propria; — um pesadelo a tocar o hymno da constituição.

Justiça se faça ao bando dos touros que jámais uma só vez acorreu os ecos da rua dos Fanqueiros com os sons funestos da *Marselheza* tirados de trombone sedicioso. N'esta parte o bando merece os emboras do bom senso publico, sendo até justo que se lhe confira um subsidio para ir apregoar no estrangeiro a excellencia d'uma instituição tão genuinamente nacional, e de certo a mais sincera de entre todas pela convicção innabalavel com que no cumprimento da sua missão faz retinir os pratos, firme na crença de que são estes os *instrumentos* mais apreciados no paiz.

— Entretanto sobre o Tejo, em frente da cidade, fluctuam já alegres e provocantes duas ou tres barcas de-banhos, procurando por todas as formas chamar a cidade ao prazer dos exercicios balnearios.

Estão armadas de todas as seducções imaginaveis. Para o sentimento patriotico hasteiam encruzadas a bandeira das quinas e as ceoulas de flanela; para o sentimentalismo publico acham-se todas artilhadas, á proa, com um pianno de sete oitavas que ao primeiro signal disparará uma salva de mazurkas. Descendentes em linha recta pelas tradições, e pelo casco, da armada portugueza, não podem esquecer-se do que devem ao acciaio e á sensibilidade da patria, sendo justo o seu orgulho quando em frente da cidade hasteiam fluctuando á brisa do Oceano os calções de Adamastor.

Lisboa entretanto vota-lhes ha tempos a esta parte um pronunciado desdem. O tempo da *Deusa dos mares* foi um dos mais risonhos periodos da sua vida aventureira: um dia, porém, a *Deusa dos mares* arden e desde então a baixa nunca mais se poudo consolar nem tomar banhos.

Sê hoje o fizesse alguns minutos depois de estar n'agua é de crer que a principiasse a achar negra como o remorso!...

É pois em vão que a *Flor do Tejo* estende a prôa supplicante para a cidade. Que lhe caiam no banho geral as almas depravadas dos que são inacessiveis á *saudade*. A sua punição está no proprio banho.

N'estas condições é raro aquelle que o crime não torna preto.

— Esta chronica pela sua feição especial, artistica e litteraria, deve registrar um facto de que os noticiarios ha pouco se fizeram ecco.

Guerra Junqueiro, o auctor da *Morte de D. João*, filiou-se no partido progressista.

Um caso tão simples e tão natural parece ter-produzido certo abalo no pequenino mundo portuguez que sabe ler, escrever e contar, a avaliarmos pela insistencia com que todos os jornaes do paiz repetiram a noticia, desde as praias do Algarve até ás veigas do Minho. Entretanto nada mais natural entre nós do que um homem, para poder fazer em paz alguns livros, tenha previamente de fazer alguma politica.

Praticar um livro como a *Morte de D. João* no estado mental da sociedade portugueza, desde os seus ministros e engommadeiras, até ás suas costureiras e conselheiros de estado, corresponde a fazer um programma revolucionario. Investir com o romantismo é tão arriscado como *investir* com o poder moderador, e portanto o poeta foi pelo menos logico aliando-se com o partido que, segundo a propria confissão e a dos adversarios, se acha excluido dos conselhos da corôa por identica tentativa.

Esta publicação pela sua indole especial pôde d'aquí a cincoenta annos ser folheada por um ou outro curioso de antigualhas. Pois bem; que os vindouros saibam que em 1878, no anno por excellencia do advento das mediocridades, se reputava quasi uma inhabilitação publica ter escripto a *Morte de D. João*.

Ora cotejando este livro com os relatorios dos srs. ministros pôde quasi afirmar-se, sem que taxem o chronista de faccioso, que esses relatorios perfeitamente aptos, se assim quizerem, para recitar ao pianno, não hão de ser a obra por excellencia que mereça as predilecções da posteridade por melhor papel velino em que a gravem, por mais elegante caligraphia em que a escrevam.

— Aparte uns pequeninos casos mais ou menos relacionados com a politica, e de um ou outro trecho da *Marselheza* ou da *Maria da Fonte* tocadas ao longe, nas regiões do norte do paiz, a nau do estado continuou a navegar bafejada pelo antigo favonio, sem que a assaltasse nenhuma borrasca mais violenta. Nomearam-se mais algumas commissões, inauguraram-se mais alguns barões, plantaram-se mais alguns commendadores, tudo em santa paz, como provisão para o futuro, por que a verdade é que ninguem pôde contar com o dia de amanhã.

D'esta vez uma das commendas despedidas contra os estrangeiros que as sollicitam das fronteiras acertou, por acaso, no peito illustre de um romancista celebre que passava; em Julio Verne. Poucas vezes isto acontece porque de ordinario os poderes publicos só distinguem os estrangeiros que veem cantar o *Trovador* ao solo da patria, ou os que dizem de longe algumas tolices lisongeiras para o nosso amor proprio, ou então os que se não deram jámais ao trabalho de pensar em nós, e que são de improviso colhidos em casa por um carachá portuguez.

— O facto mais saliente que decorre da ultima chronica até hoje é sobremaneira triste e por demais sabido de todos; mas deve ficar aqui registrado. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos morreu em Paris. A imprensa toda já commemorou em sentidas palavras este successo que rareia as fileiras dos que militam nas letras. Ao contrario do que teem affirmado alguns, no perfil litterario e pessoal de Antonio Augusto ha caracteristicos profundamente nacionaes. Na sua critica, nos seus folhetins, nos seus romances, e especialmente nos seus artigos politicos dos ultimos tempos sobressae esta qualidade especial que pretendo assignalar. Simplesmente Antonio Augusto era um illustre portuguez da nossa decadencia moral e social, isento das grandes iras, sabendo aplacar as paixões, e lisongear os interesses do mundo que o cercava. Desde que se propoz a deixar seguir no seu chouto pachorrento o velho sendeiro da opinião, sem o sopenar nem o contrariar nos seus designios, começou para elle o periodo triumphante que constitue o ultimo quartel da sua vida, cheio de glorias e despido de combates.

Se a biographia de Antonio Augusto traçada pela penna severa de Tacito poderia magoar-nos em muitos pontos, é todavia certo que todos nós devemos a essa luminosa intelligencia, a esse espirito attraente uma palavra de commemoração como derradeira homenagem a um lutador valoroso que acaba de cair.

GUILHERME D'AZEVEDO.

TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

O OCCIDENTE regista hoje um facto triste dando aos seus assignantes o retracto de um morto illustre e consagrando estas linhas ao acontecimento que mais recentemente impressionou Lisboa. Todos conheciam Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos e o seu fallecimento é geralmente sentido. Affirmando a generalidade d'este sentimento não queremos dizer que elle tivesse uma perfeita unidade; que todos *pranteassem*, como julgo ser costume dizer-se, a perda d'este homem notavel que morreu ha dias em Paris. A imprensa toda foi porem unanime nos respeitos e considerações com que se celebram as homenagens funebres que magoam pela saudade e pelo irremediavel d'este termo biologico — morte. No entanto, é certo que o juizo seguro sobre o escriptor, sobre o homem publico, não está nem pôde estar ainda definitivamente formado. E quem tenha de escrever, pondo de parte as ligações de amizade e as

nheiro no gabinete e na imprensa, poderá pensar-se que me deslumbra a amizade; e devia eu sobretudo temer de offender-lhe o melindre. Comtudo, por isso mesmo que não ignoro todas as susceptibilidades que por elle, e até por mim, se podem invocar; justamente porque as pesei; nem me arreceio de juizes apaixonados a seu respeito, nem me acobardam os menos lisongeiros que, talvez, possam fazer-se de mim proprio.

Não intento fazer o elogio do dr. A. Zeferino. Tão pouco pretendo escrever a sua biographia. Mais tarde fallarão certamente d'elle os que reconhecerem os seus talentos, antes pelas suas obras do que pelas suas qualidades pessoais. E então o fructo dos seus trabalhos ha de ter medrado com o tempo e com a experiencia. Fallará a justiça recta, não á vista de primicias já dilatadas de uma esperançosa e invejavel perseverança, mas em face de numerosos documentos, que servirão ao mesmo tempo de historia e de processo.

O que vai ler-se é apenas, e a largos traços, a narração sem commentarios d'alguns pontos capitaes da sua vida.

Não conta ainda trinta annos o dr. A. Zeferino. Fez o seu acto grande de mathematica, faculdade em que tomou o gráu de doutor, na Universidade de Coimbra, e concluiu a sua formatura em philosophia natural, ha quatro annos já. Foi muitas vezes laureado com as distincções e premios que aquella Academia costuma annualmente re-



DR. ANTONIO ZEFERINO CANDIDO
(Segundo uma photographia do Sr. Oliveira)

partir pelos seus discipulos benemeritos.

Desde o seu tempo de estudante que elle, á custa de applicação e intelligencia, se fez por si professor, dedicando-se ao arduo trabalho do ensino das mathematicas elementares e da introdução ás sciencias naturaes. Desde então que se entregou ao estudo dos problemas da instrucção em geral, lendo os melhores relatorios e livros que a este respeito se tem escripto na Europa e na America. Nas suas lições experimentava os methodos, corrigia a dicção, procurava os pontos que mais especialmente eram ingratos aos discipulos, tentava a fórma de exposição mais adequada ás intelligencias juvenis, e fixava enfim a ordem, fórma e desenvolvimento do seu ensino. Mais tarde, quando já estudante da Universidade, leccionou a algebra superior, a geometria analytica e a trigonometria espherica, doutrinas pertencentes ao primeiro anno do curso de mathematicas na Universidade.

Espirito entusiasta, sentiu-se animado um dia de alargar a área das suas investigações. N'uma das frequentissimas vezes em que conversavamos sobre os assumptos que a occasião proporcionava, o dr. A. Zeferino annunciou-me que desejava estudar em mais larga escala este problema da educação intellectual e moral da mocidade; problema d'onde dependem, certamente, a perfectibilidade do individuo, a felicidade

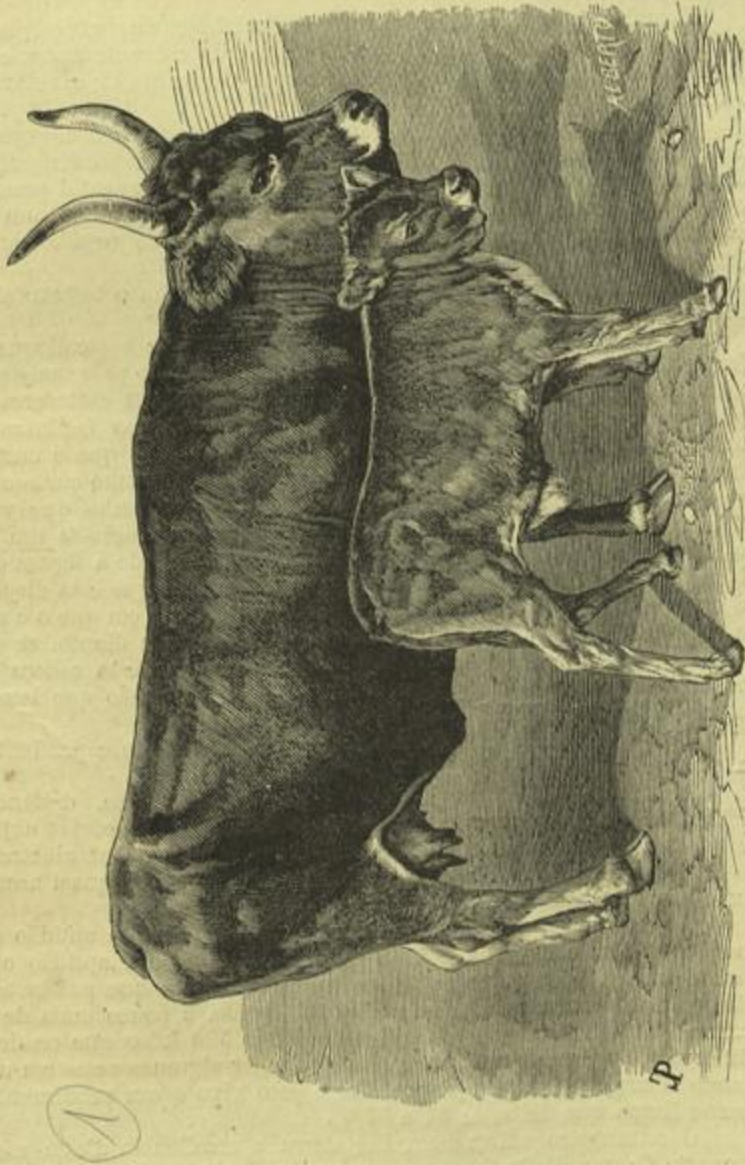
EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



PALACIO DO TROCADERO, VISTA TIRADA DO PARQUE DO CAMPO DE MARTE.

(Segundo uma photographia enviada de Paris)

EXPOSIÇÃO PECUÁRIA DE PENAFIEL EM ABRIL DE 1878



VACCA BARROZÁ E CRIA DE 2 MEZES (Tipo Lino) MONTALEGRE - TOURO BARROZÃO DE 26 MEZES (Prop. do sr. A. Allen - Pr.) VACCA BARROZÁ (Tipo Cabana) DANDY - TOURO ALDERNEY DE 29 MEZES (Prop. do sr. A. Allen - 1.º Pr.)

da família, a paz e riqueza das nações e o futuro do mundo. O que intentava elle fazer? Queria fundar um collegio de instrução e educação.

Não conhecia difficuldades o seu genio tenaz: assim o fez pois. Ah! estão hoje os seus numerosos alumnos e pupillos para attestarem quanto aquella casa de educação foi conhecida e procurada. E comtudo era um moço, quasi uma criança, que a dirigia.

Longa e utilissima foi a lição que elle lucrou n'esta espinhosa tarefa. Por isso quando, ha dois annos, o governo portuguez entendeu de necessidade nomear uma commissão encarregada de estudar as reformas, que a nossa instrução secundaria estava urgentemente requerendo — foi o dr. A. Zeferino o primeiro, ou um dos primeiros, a apresentar uma resposta ao questionario, que a mesma commissão enviou a todos os professores. Essa resposta corre impressa. Não fallarei d'ella. Que a avalie quem a ler e meditar.

O tirocinio do professorado, e até dos exames finaes de instrução secundaria, para os quaes foi por vezes commissionado em varios lyceus do norte do reino, produziram outro resultado: a publicação de tres compendios para uso dos alumnos dos lyceus, tres livros que comprehendem todas as doutrinas exigidas pelos programmas officiaes. São elles, na ordem chronologica da sua apparição, os *Elementos de Trigonometria rectilinea*, a *Algebra elementar* e os *Elementos de Geometria*. O primeiro d'estes livros conta já duas edições.

A melhor critica que se póde fazer d'estas producções é apontar o acolhimento que ellas têm tido, mórmente a primeira, por ser ha mais tempo conhecida.

Não especialisarei nem os meritos, nem os defeitos d'estas obras. Não ha obra humana perfeita; o proprio auctor se propõe emendar e corrigir, quando de futuro se façam novas edições. Mas direi d'ellas uma verdade que me parece incontestavel.

N'um lyceu, que, como se sabe, é frequentado por crianças saídas da escola de instrução primaria, a melhoria dos esforços do mais habil professor é inutilisada, se elle ensina por um livro máu. Ora o texto do compendio, que é, e deve ser, o guia unico do alumno, no seu estudo proprio, torna-se absolutamente necessario. É portanto indispensavel fornecer bons livros á mocidade, quero dizer, livros simples, claros, logicos, methodicos, sobretudo methodicos. Mais facil é transmittir uma boa idéa do que estirpar uma noção erronea.

No que toca ao methodo de transmittir e explicar oralmente os principios das sciencias e das letras, muito se têm feito e conseguido n'estes ultimos annos por parte dos professores; é verdade. Mas a exposição e dedução logica e racional das doutrinas nos compendios, é uma base indispensavel para que os methodos oraes produzam um completo resultado. Ora, é esta suprema qualidade que eu julgo encontrar-se nos livros do dr. A. Zeferino. Veja-se na *Trigonometria* a clareza e dedução com que é exposta a construcção das taboas das linhas trigonometricas e a accommodação das formulas á praxe logarithmica, doutrinas que de ordinario mais embaraçam os principiantes. Consulte-se a disposição methodica da *Algebra* em todas as partes; disposição que, embora seja fundada n'uma classificação geral que não pertence ao auctor, tem comtudo o merito de conduzir o alumno atravez de uma dedução facil em todas as especialidades, desde as primeiras definições e as operações algebraicas até á comparação das quantidades e á resolução das equações. Emfim, mais frisantes se tornam ainda estas qualidades na *Geometria*, cujo estudo é sempre excessivamente fastidioso para quem começa, justamente porque desconhece a ligação dos theoremas mais simples com os mais complexos.

Os escriptos do dr. A. Zeferino não são apenas os citados. Compóz um livro sobre os *Integraes ellipticos* que apresentou á faculdade de mathematica da Universidade como dissertação inaugural, e que defendeu no acto de conclusões magnas. Escreveu um estudo sobre a *Parallaxe solar*. Emfim tem collaborado em muitas publicações periodicas.

Finalmente o dr. A. Zeferino acaba de dar aos seus conterraneos uma tal prova de dedicação pelo trabalho e pelo derramamento da instrução, que se vê estão fructificando os estudos que sempre lhe foram tão favoritos. No dia 28 do mez passado embarcou no paquete *Mondego*, em direcção ao imperio do Brazil, onde se propõe evangelisar uma idéa grandiosa, que já hoje está sendo victoriada no paiz, e que, portanto, deve prestar ao Brazil serviços Moraes e sociaes do mais subido alcance.

Eis aqui qual é essa idéa. Ha um anno, o mais popular e o mais festejado poeta lyrico portuguez, João de Deus, annunciava ao seu paiz, que achára um methodo natural e eminentemente facil de ensinar as crianças a ler e a escrever. Publicou-se a sua *Cartilha Maternal*, e então apenas alguns periodicos comprehenderam o alcance do methodo. Todos concordavam, comtudo, em que os nossos velhos methodos de ensino primario eram lentos, fastidiosos, mais proprios para embrutecerem as intelligencias infantis, do que para as desenvolverem.

Um zelo louvavel pelas grandes coisas conseguiu, á custa de esforços e sacrificios, erigir algumas escolas na capital. A experiencia foi chamada para dar prova e testemunho do novo methodo, hoje conhecido pelo nome do seu inventor. Os resultados foram os seguintes: enquanto outr'ora uma criança regularmente dotada de faculdades gastava muitos mezes em aprender a ler, o novo methodo ensina em vinte ou trinta lições. Ha casos em que o praso tem sido mais curto. Correram os professores a casa de João de Deus para elle os instruir sobre os segredos d'esta maravilha: saíram de lá apostolos convictos. Todo este movimento, devido unicamente á iniciativa particular, foi eccoando e estendendo a sua área.

Hoje as escolas primarias, onde se ensina pelo methodo de João

de Deus, acham-se espalhadas do sul ao norte do paiz. É que muitas camaras municipaes dos diversos concelhos entenderam — louvor lhes seja por isso — que não podiam ficar indifferentes. Era preciso que se soubesse, se era ou não verdade o que se dizia a respeito das escolas da capital, cujo numero augmentava dia a dia. Mandaram, pois, as expensas suas, professores a Lisboa, para aprenderem com o inventor o novo methodo. João de Deus abriu de par em par as portas de sua casa, e leccionou estes homens gratuitamente. Elles fizeram o resto.

Ora o dr. A. Zeferino, que não podia ignorar a grande reforma que se operava no seu paiz, não poude tambem ficar tranquillo. Amigo de João de Deus, presta-se a ir ao Brazil fazer conferencias publicas sobre as bases do seu methodo, as suas vantagens e os resultados por elle obtidos. Eu disse que isto era um acto de dedicação pelo estudo e pelo bem geral; direi melhor chamando-lhe um acto de coragem, porque uma idéa nova, por mais util ou maravilhosa que seja, nunca se implanta sem grandes difficuldades.

Sair da terra natal e passar do velho ao novo mundo, embora portador da mais util e sympathica das descobertas, é quasi que uma especie de heroismo. Outr'ora, em seculos de immorredoura gloria para Portugal, saíam as caravellas e galeões nacionaes demandando novos mares e novas terras. Hoje — tal é a differença das edades e das civilisações — posto se não corra o perigo de atravessar «mares nunca d'antes navegados», procura-se a emancipação humana. De resto, eguaes eventualidades no resultado: podia então não se encontrar a terra desejada; póde hoje topar-se com o indifferentismo. Todavia não deve isso esperar-se da illustração dos nosos concidadãos de além mar. O tempo, cremos, ha de triumphar da incredulidade. E a experiencia ainda mais.

Ha ainda outra essencial differença entre estas duas ordens de empresas, as de então e as de agora. Então corria-se em nome da religião e do orgulho dos principes em busca de paizes que, tornando-se tributarios da metropole, a enriqueciam; hoje parte-se apenas em nome da civilisação, e em lugar de recolher o beneficio, presta-se. É por isso que esta nova cruzada essencialmente humanitaria, nobre e altruista, se torna digna do respeito de todos os homens justos.

CORRÊA BARATA.

EXPOSIÇÃO PECUARIA DE PENAFIEL

Depois da publicação do regulamento d'agronomia districtal de 28 de fevereiro de 1877 foi o districto do Porto, primeiro que nenhum outro e por ora o unico, que nos termos do dito regulamento fez a sua *exposição pecuaria*.

Escolheu a cidade de Penafiel para celebrar esta exposição, queahi teve lugar nos dias 10, 11 e 12 de abril do corrente anno, coincidindo com a feira chamada de Abril e com a remonta de cavallos para o exercito.

Entre diversos exemplares bovinos, que concorreram á exposição, figuraram os das estampas, que aqui se apresentam, representando tres d'ellas a *raça barroza* por duas vaccas e um touro que foi premiado, raça que é propria do nosso paiz; a outra estampa representa um touro de Alderney, que tambem foi premiado e que é de raça estrangeira (ingleza).

O que seja a raça barroza e o que ella vale, ha o testemunho de nacionaes e estrangeiros em seu abono.

Os nacionaes, e permita-se que immodestamente me colloque eu á frente d'elles, vos dirão:—que esta raça é uma das do paiz mais salientemente caracterisada no seu typo, isto é, a que tem caracteres morphologicos fixos e bem accentuados que a distinguem facilmente de todas as outras, principalmente na forma da cabeça, que é curta, de frente larga e quadrada, deprimida entr'olhos, de focinho curto e como que arrebitado, de cornadura notavel pelo seu tamanho que vae de 0^m,50 a 0^m,65 projectada quasi verticalmente, desviando-se um tanto n'essa projecção para os lados, assemelhando-se no todo á figura d'uma lyra, principalmente nas vaccas, que n'aquellas em que esta disposição é mais pronunciada se dizem do *typo de lyra*, e nas em que o é menos e um tanto mais aberta e descaida dos lados e para diante, se dizem *acabanadas* (*typo cabano* da estampa); — sendo que n'esta cabeça ainda os olhos um tanto aflorados dão uma suave expressão que lembra o olhar mteigo da gazella, indicio de grande mansidão.

Distingue ainda esta raça a papada bem saliente e pendente sob a garganta.

A estatura das rezes é meã ou pouco mais d'isso, deitando de 1^m,18 a 1^m,23 de altura, e a 1^m,80 de comprimento do corpo, cujo rolo é um tanto espesso, arredondado, de largos lombos e boa alcatra.

A côr da pellage vae do castanho escuro ao flavo, e quasi acerejado hoje em bastantes rezes.

Os nacionaes vos dirão tambem, que esta raça de aptidão dupla para trabalho e engorda é hoje somenos por aquella aptidão e mais por esta, sendo de todas as nossas raças bovinas a que presta as melhores rezes cevandas que se conhecem, dando, a pouco mais de meia carne (semi-gordas), um peso vivo de 400 a 500 kilos que rendem de 52 a 56 % de carne limpa, chegando a attingir algumas rezes em ultimo ponto d'engorda quasi o dobro d'este peso vivo e um rendimento em carne limpa que deita de 64 a 67 %.

O estrangeiro affirma em Inglaterra a excellencia d'esta raça na importação que d'ella faz em rezes gordas, cuja carne reputa por bem

gostosa, sadia, fina, *close grained* e uma das que os judeus, que são escrupulosíssimos nas rezes que sacrificam para seu consumo, mais preferem, segundo o testemunho de mr. Gibblet, o maior negociante d'Inglaterra em gado de açougue, depondo perante a comissão especial da casa dos commons do parlamento inglez sobre quesitos que lhe foram propostos: — que o gado portuguez (em que figura principalmente a raça barrozã) é mais sã que o de qualquer outro paiz, e que o d'Inglaterra, Irlanda e Escocia; — pois os pulmões são mais claros, não adherem ás costellas e não apresentam vestígios de doença alguma n'elles; e que por isso os judeus lhe dão toda a preferéncia, consumindo só em Londres para cima de seis mil cabeças por anno.

A exportação para Inglaterra de gado bovino portuguez pela barra do Porto iniciada em 1847 por 548 cabeças no valor de 17:500\$000 réis, e crescendo successivamente, tem deitado n'estes ultimos annos entre 15 a 20:000 cabeças no valor para mais de mil contos de réis, e em que se calcula que pelo menos metade pertence ás rezes barrozãs. Anda o peso de taes rezes de exportação por 12 1/2 quintaes inglezes (ou 635 kilos); e as d'este peso compram-se presentemente aos lavradores ou intermediários por 23 libras esterlinas. O frete regula por duas libras entre a cidade do Porto e qualquer porto de Inglaterra. A viagem leva de quatro a quatro dias e meio até Londres, Southampton, Liverpool, e cinco dias a Glasgow, Dublin, que são os cinco portos inglezes para onde se costuma embarcar o gado do Porto, e embarcado em vapores com boas accommodações de 500 a 600 toneladas.

O estrangeiro mais affirma, em França, a excelléncia da raça de que se trata, quando a achou digna de ser uma das premiadas na actual exposição universal de Paris — que ali conferiu o jury internacional o quarto premio (supplementar) a uma novilha barrozã em concorréncia com raças afamadas do sudoeste da Europa.

Tão bemquista e qualificada raça, perguntar-me-hão onde é o seu solar, qual o seu viver na grey pecuaria portugueza? Eu respondo; tenham paciéncia os leitores que porventura se interessarem por estas cousas, de folhearem a colleccção dos 16 volumes do *Archivo Rural*, que acharão no que por ahí dispersamente escrevi a tal respeito delucidación sufficiente, — que aqui nos apertados limites que me impõe a indole d'este jornal, que não é para divagações maçadoras de massa agricola, me restringirei apenas a dizer:

Que o solar d'esta raça está principalmente na região serrana de Traz-os-Montes, dita *terras de Barroso*, que comprehendem em si os concelhos de Montalegre e Boticas; e vae hoje alastrando, e muito, este solar por terras do Minho a dentro, e mais notavelmente entre o Cávado e o Tamega fóra da beira mar.

Que em Barroso, segundo uma estatística que apurei em 1857, — auxiliado por um illustrado ecclesiastico, o arcepreste abbade de S. Vicente da Chã, que, julgo, pediu ao confissionario e obteve de seguro o que se negava directamente ao delegado do governo n'estes estudos, — existia ahí uma população armentosa de 12:000 vaccas e 134 touros; estatística que comparada com o que dá o recenseamento geral dos gados em 1870, accusando por todo o armentio de Barroso 11:132 cabeças, mostra quão mendoso é este recenseamento; tanto mais se se observa que no espaço de treze annos a producção devêra necessariamente ter progredido pelo crescente pedido de individuos de semelhante raça para exportação.

Que aquelle numero de vaccas está dividido por grande numero de creadores, sendo poucos os que possuem vaccadas de mais de doze a vinte cabeças, porque o mais geral é possuírem de duas a quatro cabeças; e d'aquí a necessidade de se associarem para ter e manter touro commum, dito *touro do povo*, da *parochia* ou *vinteneiro*, para servir á cobrição. Não são muitos os creadores que teem touros proprios para suas vaccas.

Que o *touro do povo* tem n'algumas povoações para seu sustento um *lameiro* (prado) que é sua propriedade, dito *lamas do touro*; n'outros pontos é sustentado á vez por casa dos creadores; n'alguns outros tem estabulo proprio, e ahí se sustenta por contribuição dos creadores, que em todos estes casos se dizem *quinhoeiros* ou *herdeiros do touro*. Este, enquanto potente marel, é a creatura mais privilegiada e feliz de Barroso. Não trabalha senão como sultão em harem; tem casa propria, propriedades vinculadas, e vive assim á lei da nobreza antiga, com seus privilegios de honras, coutos, albergagens e moradias; pois são suas honras e seus coutos os *lameiros proprios* e certas pastagens banaes a seu serviço, que passam vinculadas n'este destino a seu successor; e se lhe não chegam os proventos pascigosos d'estas propriedades para alimento de todo o anno, se fraco é o bamburral, appella o touro para seus fóros e direitos de albergagem e moradia, albergando-se e sustentando-se por casa dos herdeiros ou quinhoeiros, e assim se alimenta e vive regaladamente. É, portanto, repito, o touro marel uma das creaturas mais privilegiadas e felizes de Barroso, um honrado senhor d'estas terras em quanto vale e póde ser touro. Póde dizer-se que depois da casa de Bragança é hoje o unico morgado que existe no paiz.

(Continua)

SILVESTRE B. LIMA.

AS NOSSAS GRAVURAS

PALACIO DO TROCADERO

A idéa de um palacio dominando as alturas do Trocadero em Paris não é completamente nova. Napoleão I já tinha pensado em construir n'este mesmo local o palacio do rei de Roma, não permittindo as circumstancias que elle levásse a effeito a realisação do seu pensamento.

Estava reservado á exposiçáo de 1878 levantar essa maravilhosa construcção no interesse geral da grande cidade de Paris.

Este palacio, destinado a sobreviver á exposiçáo, defronta com o campo de Marte, do outro lado do Sena, e póde considerar-se um dos mais bellos edificios da grande Babylonia moderna. Foi construido segundo o plano e sob a direcção dos architectos Davioud o Bourdais e compõe-se de uma immensa rotunda central flanqueada por duas torres de sessenta metros de altura. Á direita e á esquerda alongam-se em hemicyclo duas galerias entrecortadas de pequenos pavilhões, terminando por dois mais elevados. A cupula central cobre uma immensa sala circular de cincoenta metros de diametro, chamada sala das festas, podendo conter 4:500 espectadores e 1:500 executantes: esta sala, disposta em amphitheatre, tem cincoenta metros de altura.

O conjunto d'esta construcção, que alia com felicidade o estylo neo-greco, a renascença e o oriental, é de um aspecto imponente e magestoso. Basta dizer-se que a cupula central é oito metros mais elevada que a de S. Pedro de Roma.

O palacio do Trocadero que é por assim dizer, a sala de honra da exposiçáo universal de 1878, foi especialmente destinada á exposiçáo retrospectiva e nas duas alas lateraes admiram-se hoje riquissimas colleccções tanto do estado como particulares, que são um verdadeiro asombro no seu genero.

O TUMULO DOS MARTYRES DA LIBERDADE NO CEMITERIO DO PRADO DO REPOUSO NO PORTO

O Porto celebrou ha pouco uma cerimonia magestosa e imponente que faz honra aos sentimentos liberaes da cidade e representa o pagamento d'uma divida de gratidão aos heroes a quem o paiz deve a sua moderna carta d'alforria politica: foi a trasladação, realisada com toda a pompa, das ossadas dos martyres da liberdade, do templo da misericordia d'aquella cidade para o novo jazigo mais condigno mandado construir no cemiterio do Prado do Repouso, devendo-se especialmente a iniciativa d'este acto ao bemquisto provedor da Misericordia portuense, o dr. Antonio Augusto Soares de Sousa Cirne.

O OCCIDENTE dá hoje um esboço do singelo monumento em que se abrigam agora os restos d'esses heroes que expiaram no patibulo a sua aspiração pela liberdade.

Os 12 martyres a quem o monumento é consagrado foram supplicados em 7 de maio e 9 d'outubro de 1829, e eram os seus nomes: Bernardo Francisco Pinheiro, natural d'Airas concelho da Feira; Clemente da Silva Mello Soares de Freitas, natural d'Aveiro; Francisco Manoel Gravito da Veiga Lima, desembargador da casa da supplicação; Francisco Silverio de Carvalho, d'Aveiro; Joaquim Manoel da Fonseca Lobo, tenente coronel de caçadores 11, do Porto; José Antonio d'Oliveira da Silva Barros, do Porto; José Maria Martiniano da Fonseca, da Madeira; Manoel Luiz Nogueira, juiz de fora d'Aveiro, Victorio Telles de Medeiros, tenente-coronel de Milicias da Louzã; Antonio Bernardo de Brito e Cunha, do Porto; Clemente de Moraes Sarmento, d'Aveiro; e João Ferreira da Silva Junior d'Albergaria a Velha.

O monumento commemorativo representado na nossa gravura, desenhado sobre um esboço que nos enviou obsequiosamente o nosso correspondente artistico o sr. Alfredo Pinheiro, tem gravada a seguinte inscripção:

AQUI JAZEM

AS OSSADAS DOS DOZE MARTYRES

DA PATRIA, QUE NO PATIBULO EM PRAÇA PUBLICA

TERMINARAM OS SEUS DIAS A 7 DE MAIO

E 9 D'OUTUBRO DE 1829

A PERDIZ DE CARTÃO

(Continuação)

D'essa noite em diante, Maria não teve senão um unico desejo, um desejo immenso, que lhe enchia todo o seu pequenino cerebro, que a espicava a todas as horas, que lhe tirava o somno e a fazia muito festeira para os paes; era entrar para o theatre, mas não para qualquer theatre á tóa, havia de ser para o da Trindade, para aquelle onde havia fatos tão ricos e comicos tão engraçados, para aquelle onde não se podia entrar senão com ordem do sr. Palhas.

A Libania, então, influa-a muito para isso; aquillo lá dentro era um paraíso encantado, e depois se tivesse boa voz e geito, se puchasse por si, podia vir a ser discipula, e depois actriz, fazer os primeiros papeis, ter muitas prendas nos beneficios, viver com os litteratos, ser fallada nos jornaes, e ter uma vida regalada cheia de palmas e de dinheiro.

A mãe da Libania um dia, a pedido das duas, fallou n'isso á engommadeira. A engommadeira não sorriu muito á idéa, mas também não se espantou; o carpinteiro, o pae, é que foi aos ares quando lhe fallaram na coisa.

— Eu quero lá que a pequena vá para o theatre, quero lá que ella seja uma desavergonhada! Isto de comicas é tudo uma cambada!

— Isso não, sr. Manoel José, interrompeu a mãe de Libania toda escandalisada, minha filha lá anda, e graças a Deus ninguem tem nada que lhe dizer. Em todas as classes ha bom e mau... o caso é uma pessoa ter juizo e portar-se bem...

— Pois sim, tudo será assim, mas a pequena não vae para o theatre porque eu não quero, tornou elle accatando o phrase com um

murro que pôz a mesa a dançar.

— Faça o que quizer... Albarde-se o burro á vontade do seu dono... E não se fallou mais n'isso.

Maria ficou inconsolavel. Começou a andar tristonha, a choramingar pelos cantos, e quando se apanhava sosinha punha a esganiçar-se muito, a ver se tinha voz e a cantarolar as modinhas que ouvia á Libania.

Um dia, o pae de Maria, entrou em casa com ares de novidade. Tinha sido admittido para carpinteiro da rua dos Condes, para o logar d'um que passára a actor para os theatros do Porto. Aceitou com ambas as mãos. Tinha as noites livres, e assim se havia de andar feito tolo pela rua, sempre ganhava os seus vintens.

A filha viu, na nova posição social do pae, um caminho aberto para o paiz encantado dos seus sonhos.

Não se enganou.

O odio do pae pelo theatro começou a amansar-se. O homem, por fim, domesticou-se. Aquillo lá dentro não era tão feio como o pintavam. Havia mesmo comicas que eram senhoras muito serias, muito boas pessoas, com bons modos e bonita educação. A sr. D. Clara, por exemplo, a Clarinha, como lhe chamavam todos, era uma rapariga de muito juizo, que ganhava muito bem e que ajudava muito os paes.

A mãe de Libania, vendo-o mais macio, voltou á carga.

Elle, d'esta vez, offereceu pouca resistencia.

— A pequena está muito nova ainda! Deixe-a amadurecer cá fóra.

— Qual historia! Novas é que ellas se fazem! Talvez ella tenha vineta para a coisa e venha ainda a ser uma boa comica. Veja lá a Emilia das Neves.

— O pae calou-se e remoeu.

D'ali a dias, Maria entrou para corista da Trindade, com dois tostões por noite e depois de cantar um tango ante o maestro Salarick.

A sua estreia foi um verdadeiro acontecimento, para ella. A rapariga aliás, como todas, imaginou que era um acontecimento para a cidade. Andava douda de entusiasmo e transida de medo. Tinha loucos terrores de pateada; fez promessas a todos os santos, ao Senhor dos Passos da Graça, ao dos Caetanos, e á Senhora da Luz sua madrinha.

Na vespera da estreia não dormiu: sentia febre, dores de cabeça, um inferno dentro de si.

Por fim a hora de levantar o pannó chegou: Benzeu-se muitas vezes antes de vestir o fato do primeiro côro, um fato de dama da côrte do rei Bolero. Achou-se feia ao espelho: o vestido não assentava bem: no hombro direito tinha uma ruga que era capaz de lhe gerar um fiasco. Entrou em scena a tremer como um pequeno quando yae ao exame de instrução primaria. Quando viu o publico ia desmaiando. Pareceu-lhe que toda a gente que estava na sala não tirava os olhos da ruga do seu vestido. Teve cafafrios e affrontamentos; abriu a bocca, mas a voz fugiu-lhe. Por um pouco que não caiu redonda no chão. Pareceu-lhe que sentia arrastar pés na platéa: ia jurar que ouvira uma tossesinha de troça: a Florinda olhára para ella reprehensivamente. Não atacára o lá com as outras. Viu a peça a cair e ella a ser posta fóra do theatro, corrida pelas companheiras, troçada pelo publico, descomposta pelos jornaes. Mas a voz appareceu-lhe e a peça não caiu. Até houve palmas, muitas palmas.

Então era ver como ella as agradecia commovida. Tudo aquillo era para ella; a sua estreia era um successo; no dia immediato todos iam elogial-a, o seu nome viria nos periodicos, a celebridade era sua. Depois d'esta noite febril de agitações, de receios, de alegrias, Maria caiu na realidade das coisas mundanas e theatraes. Começou a familiar-se com o ar da caixa. Aquillo é que era vida: que coisa tão diferente de tudo que até ali vira e imaginára! Andava sempre vestida de sedas, de velludos, a fallar com reis, com princezas, com duques,



TUMULO DOS MARTYRES DA LIBERDADE NO CEMITERIO DO REPOUSO NO PORTO

(Segundo um esboço do sr. Alfredo Pinheiro)

em banquetes opiparos, em ceias luxuosas. Os lautos manjares passavam-lhe todas as noites ante os olhos avidos; e depois d'essas orgias principescas de papelão e de chá frio, quando ao voltar para casa se encontrava defronte do seu taxinho de barro negro do fumo da fornalha, com sopas, ou migas de bacalhau, guardadas com todo o carinho pelo amor maternal, tinha humilhações intimas, desdens soberbos, suspiros ambiciosos.

Uma noite em que, á ultima hora, fóra princeza, cortando-se-lhe as tres fallas que tinha que dizer, chegou a casa sentindo-se ainda alteza debaixo da sua velha manta de lã das saídas do theatro. A ceia que a mãe lhe guardára era assorda.

Abusaram d'ella: faltaram-lhe ao respeito: insultaram-n'a: e n'um bello momento de altivez, atirou fóra a assorda e deitou-se na cama sem ceiar.

A sua ceia no theatro fóra perdiz, uma perdiz de cartão; não podia descer assim do seu throno.

O seu orgulho satisfez-se: o estomago é que não fez o mesmo que o orgulho. De noite, a fome deu-lhe sonhos extravagantes, e em todos elles apparecia uma perdiz enorme, desafiando-lhe o apetite e o garfo.

E ella ia com o garfo e acontecia-lhe o mesmo que no theatro. O garfo resvalava pelo polimento do cartão. Chorou e comeu pão secco; e no dia immediato esperava-a no theatro o cumulo das humilhações.

Odirector da scena chamou-a e gratificou a ultima princeza com cinco tostões!

D'ahi por diante nunca mais deixou de ceiar as suas modestas migas, mas a perdiz, se não lhe entrára nunca no estomago, também não lhe saíra mais do espirito.

Perdiz! O que seria aquillo de perdiz? devia ser uma coisa muito boa, um manjar dos deuses e dos reis. Não havia no theatro ceia principesca em que a maldita perdiz não apparecesse!

E em scena, quando as mesas douradas vinham carregadas de iguarias pôr-se diante das côrtes de brilhantes, ella, a Maria da Engomadeira, ficava com os olhos fitos no mono de papelão, cheia de uma curiosidade febril, de uma ambição irresistivel de saber que gosto olympico teria aquella inevitavel perdiz de todos os banquetes principescos.

(Continua).

GERVASIO LOBATO.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Fugindo a setta o mouro vae tirando
Sem força de cobardo, e de apressado.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMENT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Theouro Velho, 6